

OLHARES SOBRE A VIOLÊNCIA PERPETRADA POR MULHERES

PERSPECTIVES ON VIOLENCE PERPETRATED BY WOMEN

Tânia Regina Zimmermann¹

SOYKA, Michael. *Wenn Frauen töten: Psychiatrische Annäherung an das Phänomen weiblicher Gewalt*. Stuttgart, New York : Schattauer, 2005, 164 p.

Michael Soyka atua como médico chefe na Clínica Psiquiátrica da Universidade de Munique, Alemanha. Nesta instituição conduz práticas e estudos sobre a psiquiatria forense, psicoterapia e neurologia. Com esta acurada pesquisa Soyka pretendeu partilhar algumas dúvidas com os seus leitores e estudantes partindo de situações de violência protagonizadas por seis mulheres na Alemanha. Os casos foram eleitos não apenas pelo impacto na mídia, mas pelo acompanhamento psiquiátrico de cada caso pelo próprio autor. Esta foi a questão norteadora deste estudo: Porque as mulheres matam? Além da análise da produção discursiva destes atos como espetáculos midiáticos e as causas superficiais apontadas pela imprensa, Soyka

investigou também as motivações sociais e psicológicas destas mulheres protagonistas em situações de violência. Nesse processo da pesquisa, o próprio silêncio da psiquiatria sobre este tema também surpreendeu o autor.

A partir da biografia destas mulheres nos relatos midiáticos o autor percebeu que elas foram consideradas mulheres más e que deveriam ser severamente punidas por corromper com os comportamentos esperados para mulheres como a bondade maternal, a submissão, resignação e a passividade. Mas, para o autor elas mataram para acabar com anos de sofrimento porque foram abandonadas e ou violentadas de forma física e simbólica e assim desoladas em suas situações

¹ Profa. Adjunta da Universidade Estadual do Mato Grosso Sul; Dra. em História UFSC. E-mail: taniazimmermann@gmail.com

das quais acreditavam não mais sair. Todas elas fizeram o uso da violência para acabar com as violações praticadas contra elas. O autor pretendeu também que juristas e jornalistas que lidam com estas situações possam encontrar algumas orientações em suas práticas discursivas com esta pesquisa.

O livro, publicado em alemão, ainda não traduzido para a língua portuguesa, está dividido em sete capítulos. No primeiro, o autor introduz o tema sobre mulheres em situações de violência a partir de discussões sobre a criminalidade na Alemanha do tempo presente. Soyka analisa representações sobre mortes políticas envolvendo mulheres e homens assim como mulheres protagonistas de violência em filmes e espetáculos teatrais. Ele trilha também pelas estatísticas sobre a criminalidade em relação à violência de gênero e lança olhares sobre os transtornos psiquiátricos e sua relação com os riscos de violência e, perscruta formas de violência e instrumentos usados por mulheres em situações de conflito e, por fim analisa as contribuições da psiquiatria forense para o estudo em questão.

Ainda neste capítulo Soyka desvela um imbricado narrativo sobre mulheres e violência na literatura europeia. Segundo o autor, a visibilidade de mulheres

consideradas criminosas na Europa contemporânea está presente mais expressivamente na literatura inglesa. Os dramas shakespearianos em Hamlet e Macbeth apresentam mulheres envoltas em conflitos e mortes. O detetive “mais famoso do mundo” Sherlock Holmes persegue também crimes cometidos por mulheres. Na literatura russa, o amor e a paixão conduzem os romances de clássicos de Tolstoi e Dostoiévski e os crimes beneficiam-se de uma onda de romantismo. Assim na narrativa as ações de mulheres em situação de violência estão envoltas em determinantes como o ciúme e a paixão para atos considerados então como impulsivos. Estes condicionantes são historicizados pelo autor para buscar novos sentidos na violência de gênero.

Nas representações de mulheres protagonistas em situações de violência, Soyka apresenta a figura bíblica de Judite, viúva que auxiliou na derrota do exército assírio ao cortar a cabeça do rei Nebukadnezar. Judite teria conduzindo os israelitas para a vitória. Lucretia Borgia (1480-1519) matou por envenenamento vários homens e Elisabeth Bathory (1560-1614) matou cerca de 600 moças e mulheres jovens para banhar-se com o sangue na busca pela eterna juventude. Charlotte Cordai assassinou em 1793, o revolucio-

nário jacobino Jean Paul Marat em sua banheira com uma faca de cozinha. Nestes exemplos, as mulheres que são nomeadas estão próximas de homens famosos ou de riqueza. Porém, o autor considera que deve haver mais estudos sobre mulheres de vários segmentos sociais que foram protagonistas em uma situação de violência. Soyka ainda pontua a necessidade de novas pesquisas sobre as representações do crime nos meios de comunicação e na literatura. Para ele, os casos famosos mais chamativos na história, na literatura e em séries de televisão são de mulheres em práticas de envenenamento, feitiçaria, crimes contra crianças e como “vítimas” ligadas a prostituição. Mas para o autor estas e outras práticas pouco foram compreendidas em suas significações no meio acadêmico alemão.

Nos demais capítulos o autor analisa cada caso isoladamente. Assim do segundo ao sexto capítulo Soyka analisa uma história de vida e as situações de violência de cada uma dessas mulheres bem como os tratamentos psiquiátricos e as possíveis mudanças advindas com a terapia. Todas as mulheres são nomeadas a saber: Sabine, Maria, Sonja, Anke, Magda e Inge. Em todas estas situações são as analisadas as questões sociais e culturais como construções permeadas

pelas questões de gênero imbricadas com a sexualidade, vida familiar e conjugal, histeria feminina, ciúmes, drogas, gravidez entre outros condicionantes presente em cada caso e os processos judiciais.

A partir deste estudo é possível acrescentar que a violência exercida por mulheres ainda centra-se na imagem fixa de que são os homens violentos e as mulheres quase sempre as vítimas. Para o autor a análise de atos violentos de mulheres pode romper com relações socialmente construídas há muito tempo especialmente nos meios de comunicação. Também atenta para a relação entre o feminismo e a criminalidade e observa que os avanços na igualdade entre as relações de gênero não aumentou o crime de mulheres contra homens, crianças e outras mulheres. Com as conquistas do feminismo na Alemanha houve a compreensão de que os conflitos poderiam ser resolvidos de outra forma.

Por fim, o autor conclui que estas mulheres atuaram através da violência contra situações de sofrimento pela defesa de si, às vezes de familiares e matavam quando não conheciam ou não dispunham de outras possibilidades. O autor propôs a partir de estudos da psiquiatria forense o entendimento de que

as aflições exigem um lugar em que possam ser reconhecidas, compreendidas e ser visíveis de outro modo, sobretudo nos meios de comunicação. A forma de representação destes atos de violência na imprensa escrita e na televisão já se constituía, conforme o estudo, como uma forma de punição para elas. Para entender os atos cometidos por estas mulheres Soyka insistiu na condição social construída para as mulheres bem como os sentimentos e os modelos de comportamento cons-

truídos e naturalizados há vários séculos. Para o autor, as angústias e todas as formas de sofrimento destas seis mulheres as desorientaram, derrotaram desejos e as tornaram infelizes. Ao aceitar angústias, raivas e sofrimentos Soyka pretendeu analisar e talvez diminuir as dores alheias presentes no cotidiano. No conjunto da obra o autor centrou-se em entender porque a sociedade pouco se importa com certo tipo de sofrimento e especialmente a infelicidade de mulheres.

Resenha recebida em: 30/07/2010

Aprovada para publicação em: 30/08/2010